

REINALDO DI LUCIA

Assinado, Eu.

Trabalho apresentado no
IX simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita

Santos
2005

SUMÁRIO

ÍNDICE

1. Introdução: o processo de comunicação 3
2. O mensageiro: o argumento de autoridade e a identificação dos espíritos
4
3. A mensagem: a questão da contextualização – hermenêutica e análise
do discurso 8
4. A mensagem mediúnica: a influência do médium e a possibilidade de
mensagens de grupo 11
5. Conclusão: e a atualização do Espiritismo? 13

1. Introdução: o processo de comunicação

Uma dada mensagem vale por si só ou sua relevância esta atrelada à sua assinatura?

Aceitar uma comunicação pelo fato de que uma personalidade a disse não é nenhuma novidade. Durante todo o período da filosofia cristã, em particular na Escolástica, esta prática, chamada "argumento de autoridade", era mais do que comum: era a norma. A frase "Aristóteles disse" encerrava qualquer discussão.

No movimento espírita, em especial o brasileiro, este costume é bastante empregado. Basta uma comunicação ser mediúnica, de preferência com uma assinatura famosa, para que seu conteúdo seja considerado uma verdade quase que absoluta – isto é, se estiver de acordo com os princípios do pensamento dominante.

Em contraposição, Kardec dá pouca importância à questão da identidade dos espíritos que com ele se manifestam. Como ele afirma, fundamental é o conteúdo daquilo que é dito (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV):

Em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.¹

A discussão não pode, entretanto, ser assim reduzida. Há casos em que a mensagem só é dada em função de seu portador – bastante comuns na imprensa, na qual a veracidade da fonte é condição imprescindível. Há outros em que, somente pelo conteúdo, é impossível determinar-se o autor – fato muito utilizado pelos defensores de um modo mais místico de se ver a ciência. E há, ainda, uma questão primordial, principalmente para as comunicações mediúnicas: que métodos podem ser utilizados para analisar o conteúdo de uma mensagem, de modo a superar as dificuldades que o problema da identificação, ou sua falta, traz?

O processo de comunicação envolve vários elementos. Primeiramente, há o emissor, aquele que elabora a mensagem. Depois, há o receptor, para o qual a mensagem é dirigida. Há também o conteúdo da mensagem em si, e o meio pelo qual ela é transmitida. Todos esses elementos devem ser levados em consideração ao se analisar uma mensagem.

No caso da comunicação espírita, há, ainda, considerações extras: a influência do médium, em se tratando de mensagens mediúnicas. A possibilidade de uma comunicação ser assinada por um dado espírito, mas na realidade ser de autoria coletiva, de um grupo de espíritos que se serve de um nome para divulgá-la. Tais exemplos são comuns, e merecem um estudo mais detalhado.

¹ KARDEC, A. "O Livro dos Médiuns", cap. XXIV.

De qualquer forma, não há como fugirmos de alguns métodos de análise e interpretação de texto pouco conhecidos nos meios espíritas: a hermenêutica e a análise de discurso. Este trabalho mostra, sucintamente, um pouco destes métodos, e a validade de sua aplicação no meio espírita.

O objetivo deste trabalho não é, de forma alguma, esgotar a questão. Ao contrário, ele busca levantar o problema, passando por pontos importantes para a análise de textos espíritas. Conclui mostrando que o processo de atualização do Espiritismo não pode prescindir destes métodos, e que o Espiritismo teria muito a ganhar na discussão destes problemas.

2. O mensageiro: o argumento de autoridade e a identificação dos espíritos

O que pode garantir a veracidade de algo expresso? Esta questão afeta o homem desde que os argumentos racionais passaram a ter supremacia sobre as revelações religiosas ou sobre as asserções míticas.

Ao expressar uma idéia, o homem, mais do que simplesmente comunica esta idéia. Ele passa todo um conjunto de intenções. Por exemplo, alguém pode querer dar uma ordem a um empregado seu, sem entretanto desejar explicar o porquê; ou então, alguém pode tentar convencer seu interlocutor de algo, tendo como objetivo atingir um determinado fim, não explícito – e, neste caso, a veracidade não é o mais importante (é o que podem fazer, por exemplo, advogados de defesa de criminosos em um tribunal).

No primeiro caso, a validade da ordem está fora do conteúdo do que se diz. Ela está apenas na hierarquia dos interlocutores. No segundo, importa muito menos a veracidade do discurso do que o poder de convencer o interlocutor da correção da idéia. Já se o que se busca é uma verdade, ou seja, a declaração mais próxima possível de uma realidade dada, então se faz necessária a definição de um critério de validação desse enunciado.

Desde que se estabeleceu a forma racional de estudar o mundo, com o advento da filosofia, na Grécia do século VI a.e.C., uma das formas mais comuns de validação tem sido o *argumento de autoridade*. Este conceito pode ser definido como a assunção de que, se uma dada pessoa – reconhecida como especialista ou autoridade – está fazendo uma afirmativa, ela deve ser verdadeira, e passa pelo reconhecimento da sua competência no campo da afirmação.

Argumento de autoridade é aquele em que se utiliza da lição de pessoa conhecida e reconhecida em determinada área do saber para corroborar a tese do argumentante. O argumento de autoridade é também chamado de *argumentum magister dixit* ou *ad verecundiam*.²

Tal argumento de autoridade teve seu início na Antigüidade clássica, mas seu auge foi na época de domínio da filosofia cristã, notadamente a o período conhecido como Escolástica (séc. XII d.e.C.). Por esta época,

² RODRÍGUEZ, V.G. “O argumento de autoridade e o valor do pronunciamento do experto”. Publicado na Internet, 22/03/2002.

qualquer debate terminava com o uso da fórmula “Aristóteles disse”. Não se permitia qualquer discussão, muito menos qualquer tipo de contestação às afirmativas do grande filósofo grego.

O uso do argumento de autoridade sempre foi, e continua sendo, bastante disseminado no mundo todo. De certa forma, era de se esperar que assim fosse no âmbito das religiões, que partem do princípio da verdade revelada. Mas seu uso se estende ao campo filosófico e até mesmo – por mais estranho e incoerente que isso possa ser – ao científico.

Uma razão para isso é a tendência natural do homem em abdicar da sua própria capacidade de pensar para aceitar como verdadeiros os pensamentos de outros, investidos de alguma autoridade. Esta pode ser dada pelo nascimento (nobreza, realeza), por destinação divina (sacerdotes) e pela aquisição cultural, entre muitas outras.

Sem entrar no mérito da questão da verdade (já discutido em trabalho anterior ³), o uso do argumento de autoridade falha por problemas de ordem metodológica. Admitir que o discurso de alguém fosse verdadeiro somente porque esse alguém o disse é convencer-se que há pessoas que não podem errar, somente porque são especialistas num determinado assunto. Ainda que tais homens nunca tenham errado antes (o que é muito difícil de ter ocorrido) nada pode garantir que não incorrerão em erro em algum instante da vida.

É exatamente a crítica que se faz ao processo indutivo do conhecimento. Este se baseia na obtenção de uma lei válida a partir da observação de um número significativamente grande de eventos. Ora, mas, por mais eventos que se observem, todos com o mesmo resultado, nada pode garantir com cem por cento de certeza que o próximo evento apresente-se totalmente diferente. A indução não é um método lógico de se obter conhecimento, da mesma forma que o argumento de autoridade não é um método lógico de garantir a veracidade. ⁴

O uso do argumento de autoridade no movimento espírita é tão disseminado quanto em qualquer outro movimento filosófico ou religioso. Basta uma determinada assertiva ter sido feita por algum espírito desencarnado, especialmente se o médium utilizado for famoso, para ser considerado uma verdade indiscutível. Se a mensagem for assinada por algum nome conhecido (tais como Bezerra de Menezes, André Luiz ou Emmanuel) a possibilidade de questionamento é quase nula. E as idéias aí contidas podem ser tomadas como princípios da doutrina espírita.

Curiosamente, no Espiritismo, da mesma forma que ocorre em qualquer religião dogmática e rigidamente estruturada, o uso abusivo e indiscriminado do argumento de autoridade leva à radicalização do veto a qualquer tipo de mudança dos conceitos. É por isso que normalmente se afirma que não se pode alterar uma única idéia que tenha sido expressa

³ **DI LUCIA, R.** “*O Espiritismo e a questão da verdade*”. CEPA, XIV Conferência Regional Espírita Pan-Americana. São Paulo, 2002.

⁴ Para um detalhamento da crítica ao indutivismo, ver **DI LUCIA, R.** “*Espiritismo: revelação ou descoberta?*”, CEPA, XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, Porto Alegre, 2000.

pelos Espíritos, seja nos textos do Kardec ou através de médiuns mais ou menos famosos.

Claro que, quando falo em alterar idéias, admito simplesmente a possibilidade de modificar conceitos tidos como verdadeiros no edifício conceitual do Espiritismo. Em nenhum momento proponho modificação dos textos já escritos, o que seria uma deformação inaceitável do pensamento de determinado autor, na época em que ele foi expresso. Penso simplesmente na mudança dos conceitos a partir da evolução do conhecimento humano. Entretanto, o que se prega no movimento espírita é um engessamento absoluto do que foi dito pelos espíritos:

“Todavia, o Conselho Federativo Nacional não reconhece em nenhuma pessoa ou instituição, como também em nenhuma assembléia ou congresso, qualquer autoridade ou direito para alterar ou modificar, a qualquer título, os princípios fundamentais e ensinamentos do Espiritismo, contidos nas obras básicas de Allan Kardec, e desaprova toda e qualquer iniciativa no sentido dessa alteração ou modificação, uma vez que a Doutrina Espírita é de autoria dos Espíritos Superiores e não de homens, como bem testemunhou o próprio Codificador.”⁵

Entretanto, não quero com isso dizer que se deva ignorar absolutamente toda e qualquer referência dos grandes pensadores espíritas. A importância deles não é pequena; afinal, em sua grande maioria, eram homens preparados, profundos conhecedores de vastas áreas do conhecimento humano. Kardec, Denis, Dellane, Flammarion e outros foram fundamentais na continuação da estruturação da doutrina espírita.

Não possuíam, porém, a verdade total e absoluta. Muito do que escreveram demonstraram-se incorreções ao longo dos anos – por exemplo, as incursões de Kardec pela astronomia, em *A Gênese*, e as opiniões de Dellane sobre a substituição das células do cérebro, em *A Evolução Anímica*. Além disso, não se pode esquecer que o conhecimento humano evolui com o passar do tempo. Conhecer é um processo cumulativo, no qual cada descoberta é base para outras mais. Isto nos leva à conclusão de que muitas idéias, apesar de estarem de acordo com o pensamento científico da época, não suportam um exame à luz do que se sabe hoje.

Pode-se, então, admitir o uso do argumento de autoridade? Certamente, desde que se tomem os mesmos cuidados que devem ser tomados na análise de qualquer outro argumento, acrescidos ainda de verificações sobre a consistência da fonte. Victor Gabriel Rodríguez, professor de Direito, mostra as questões que devem ser analisadas, e que passam pelo crédito da suposta autoridade como fonte, pela validade de sua opinião, pela consistência de sua argumentação em relação ao que dizem outras autoridades, e até mesmo pelas eventuais provas (ou ausência delas) apresentadas:

⁵ Mensagem do Conselho Federativo Nacional ao Movimento Espírita Brasileiro, 15/11/1999.

A resposta a essas questões garante a validade do argumento ad verecundiam, afastando-o da falácia, do engodo do pronunciamento sem validade científica. ⁶

O argumento de autoridade deve, assim, ser empregado com cuidado. Se for usado para determinação do caminho que os pensadores espíritas trilham, tem muito valor, na medida em que nos permite uma base sólida para o crescimento do conhecer espírita. Utilizado exageradamente, engessa esse conhecimento, impedindo sua evolução.

Outra discussão espírita importante a ser realizada no âmbito do estudo da importância do mensageiro é a questão da identificação dos espíritos. Kardec tratou disso extensamente em sua obra.

De modo geral, a posição de Kardec sobre a questão da identificação dos espíritos está diretamente ligada à análise da comunicação em si, já que a pesquisa direta sobre suas identidades tem sensíveis dificuldades (tempo, influência do médium etc.). Já na Introdução do Livro dos Espíritos, ao tratar dos princípios da doutrina, ele explana:

Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconseqüente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem. ⁷

Portanto, a base fundamental da análise de Kardec a respeito da identidade dos Espíritos que se comunicam está na própria mensagem, seja no conteúdo (principalmente quando se trata de uma comunicação de forte caráter moral), seja na forma. Assim sendo, pode-se concluir que, se a importância da comunicação encontra-se na mensagem, a questão da identificação é secundária. Kardec mesmo corrobora esta dedução:

Nada, pois, impede que um Espírito da categoria de Fénelon venha em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com o seu nome, porque lhe é idêntico e pode substituí-lo e ainda porque precisamos de um nome para fixar as nossas idéias. Mas, que importa, afinal, seja um Espírito, realmente ou não, o de Fénelon? Desde que tudo o que ele diz é bom e que fala como o teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito. Indiferente é o nome pelo qual se dá a conhecer, não passando muitas vezes de um meio de que lança mão para nos fixar as idéias. ⁸

⁶ RODRÍGUEZ, V.G., *opus citatus*.

⁷ KARDEC, A. "O Livro dos Espíritos", pg. 26.

⁸ Idem, *ibidem*, pg. 37.

Para Kardec, o que devemos procurar, ao tratar da análise de uma dada comunicação mediúnica, são elementos da superioridade intelecto-moral de seu autor. E isto pode ser feito pela análise da mensagem em si. Entretanto, não se pode esquecer que as mensagens não são coisas em si mesmas, isoladas do mundo. São parte do universo cultural. Portanto, analisa-las requer uma ampla compreensão do contexto em que foram produzidas. É o que veremos no próximo capítulo.

3. A mensagem: a questão da contextualização – hermenêutica e análise do discurso

Todo e qualquer texto é produto de sua época. A produção do conhecimento depende do caldo cultural que o produziu. Detalhes como os paradigmas científicos, os dogmas, regime econômico, importância das religiões, crenças mais ou menos particulares, tolerância política e religiosa, entre muitos outros, afetam diretamente qualquer produção cultural.

Esse é o motivo pelo qual, para uma compreensão precisa de uma mensagem, é fundamental, imprescindível mesmo saber por quem, em qual época e onde ela foi produzida – e assim podemos inseri-la nesse contexto. A esse processo se dá o nome de contextualizar. A falta dessa contextualização pode levar a graves erros interpretativos, na medida em que se pode considerar uma mensagem com os preconceitos da época em que ela é estudada, não daqueles na qual ela foi produzida.

Vejam um exemplo:

O negro pode ser belo para o negro, como um gato para outro gato. Mas não é belo no sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, os lábios grossos (...) podem perfeitamente exprimir as paixões violentas, mas não se prestariam às nuances delicadas do sentimento e à suavidade.

Se, ao nos depararmos com este texto, perguntarmos aos leitores a qual ideologia pertence, poderíamos, com toda a lógica, atribuí-lo a alguma escola de pensamento racista, extremista e fanática. Não seria absurdo imaginá-lo na boca de um nazista ou de um membro da Ku Klux Klan. Como ele não se coaduna, de nenhum modo, com os tempos mais tolerantes e politicamente corretos em que vivemos, seria atacado violentamente por qualquer homem de bom senso, seu autor anatematizado e, se houvesse uma organização formal a qual pertencesse, seria processada por racismo.

Tal texto é de autoria de Allan Kardec. Pode ser encontrado em *Obras Póstumas*, no capítulo *A Teoria da Beleza*. Alguém que conhece o Espiritismo, mas nunca o tivesse lido, certamente haveria de ficar chocado – talvez suas convicções espíritas balançassem. O preconceito racial que se vislumbra neste parágrafo pode facilmente levar a doutrinas perigosas, que pensam a raça negra como inferior e, portanto, justifica atos como a escravidão.

Entretanto, se entendermos que este texto foi escrito em uma época extremamente eurocêntrica, compreenderemos que dificilmente o texto

poderia ser diferente. O europeu do século XIX somente poderia considerar belo seu igual, uma vez que o conceito antropológico da igualdade das diferentes cultural só surgiria no século seguinte.

Portanto, uma leitura interpretativa de uma produção intelectual qualquer, para ser bem fundamentada, exige que se conheçam detalhes sobre o modo pela qual foi construída. É, de certa forma, subordinada à história, na medida em que depende do conhecimento do contexto em que foi produzida – isto é conhecido como *Hermenêutica*. Entretanto, não pode deixar de considerar a mensagem como mais do que simplesmente uma produção lingüística. Ela possui elementos sociais que vão além do que está explícito. Estudar uma mensagem levando esses elementos sociais em consideração é a proposta da *análise do discurso*.

Hermenêutica – do grego *herméneuein*, que significa declarar, esclarecer, interpretar – significa que alguma coisa é tornada compreensível, levada à compreensão. Em Filosofia, segundo Scheleiermacher, é a parte que visa não o saber teórico, mas sim o uso prático, isto é, a praxis ou a técnica da boa interpretação de um texto falado ou escrito.

Isto significa que a hermenêutica como método busca não uma análise crítica da mensagem, de um ponto de vista racional. Não quer avaliar comparativamente a mensagem com crenças ou ideologias. Procura unicamente interpretar essa mensagem em bases históricas, levando em consideração apenas sua época e autor.

Mestres no uso da Hermenêutica, Nietzsche e principalmente Heidegger empregaram com sucesso este método para um estudo profundo dos textos gregos, clássicos e pré-socráticos. Só assim foi possível uma compreensão clara e correta de sua filosofia, embasada nos preceitos históricos da Grécia Antiga.

Entretanto, um dizer não fica somente restrito àquilo que foi dito. Nem mesmo fica limitado às considerações históricas sobre o que foi dito. Na verdade, um dizer implica em todo um conjunto de considerações sociais, verbais e não verbais, e que envolve mais que a significação – percorre todo o processo pelo qual aquela significação veio a existir. É a isso que se chama *discurso*:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente nem natural, por isso é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.⁹

Assim, o estudo da linguagem e, em última instância, da produção intelectual, não pode estar desvinculado dos processos histórico-sociais que a embasam. Isto levou, na década de 1960, à criação de uma nova disciplina – a *análise do discurso*.

⁹ NAGAMINE BRANDÃO, H.H. "Introdução à análise do discurso", pg. 11.

A análise do discurso visa estudar e compreender a linguagem utilizada por membros de uma comunidade. Ao examinarmos a forma e as funções dessa linguagem podemos compreender fatores sociais e culturais que caracterizam as relações entre pessoas, significados e o lugar social.

Assim sendo, ela vai além do nível da frase ou superfície do enunciado e analisa unidades do discurso que estão diretamente ligadas ao contexto onde são produzidas, o que nos permite compreender melhor o significado mais profundo de uma ou mais orações. Por vezes, a mesma frase, enunciada em diferentes contextos, apresenta significados diferentes.

Vejam os:

1) Este ano entrará para a História. Pela primeira vez uma nação civilizada possui controle total de suas armas. Nossas ruas estarão mais seguras e nossa polícia mais eficiente.

Outra:

2) Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

Ainda mais uma:

3) Educando o indivíduo, o Estado deve ensinar que não é uma vergonha, mas uma lamentável infelicidade, ser fraco ou doente, mas é um crime e também uma vergonha que se arrastem, nessa infelicidade, por mero egoísmo, inocentes criaturas. Ao contrário é uma prova de grande nobreza de sentimentos, do mais admirável espírito de humanidade, que o doente renuncie a ter filhos seus e consagre seu amor e sua ternura a alguma criança pobre, cuja saúde dá esperança de vir a ser ela um membro de valor de uma comunidade forte.

Finalmente:

4) A religião e a ciência natural estão numa batalha conjunta, numa segunda cruzada infundável contra o ceticismo e o dogmatismo, e contra a superstição. A palavra de chamada para esta cruzada sempre foi e sempre será: "Caminhar para Deus".

Facilmente se poderia dizer que as frases pertenceriam, na ordem: 1) à campanha do referendo do desarmamento no Brasil. 2) A uma organização terrorista, como a Al Qaeda. 3) A uma campanha pela adoção de órfãos; e 4) a um defensor das escolas holísticas de pensamento, muito comuns na atualidade, que defendem a unicidade do conhecimento.

Os créditos reais dessas citações:

- 1) Adolf Hitler, discurso.
- 2) Jesus de Nazaré (Lucas, XIV, 26).
- 3) Adolf Hitler, Mein Kampf (Minha Luta).
- 4) Max Plank (Scientific Autobiography).¹⁰

¹⁰ Max Plank (1858-1947), cientista alemão, um dos principais idealizadores da Física Quântica, prêmio Nobel de Física de 1918.

E no Espiritismo? Se o método fosse corretamente usado, poderíamos entender o porquê de alguns textos aparentemente contrários aos princípios doutrinários. Um exemplo:

A mesma coisa se dá, qual o vimos, com os fenômenos fisiológicos, que denominamos memória orgânica, de sorte que o inconsciente é um território comum da alma e do corpo, confirmando-se, assim, que o perispírito é a sua sede. ¹¹

E outro:

O corpo espiritual não retém somente prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios de sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria. ¹²

No primeiro caso, Dellane atribui a memória ao perispírito, lançando mão do conceito de inconsciente. Idéias semelhantes a essas são igualmente defendidas por Leon Denis e Gustave Geley, em vários dos seus livros, o que nos dá a impressão de que eram bastante difundidas no meio espírita à época – apesar de não terem sido defendidas por Allan Kardec em sua obra.

Levando em conta os conceitos da análise de discurso, pode-se afirmar que isto se dá na medida em que era de grande dificuldade para qualquer pessoa adepta do positivismo aceitar que o Espírito, este ser imaterial e, para muitos, puramente abstrato, pudesse ser o princípio de todas as manifestações intelectivas do homem.

Já o trecho de Emmanuel vai de encontro às idéias de Kardec. Para este, a distinção entre perispírito (matéria) e Espírito (não material) é explícita. E, sendo a inteligência a principal característica do Espírito, é inadmissível que o perispírito seja “a sede dos sentimentos e da inteligência”. Para analisar corretamente esta mensagem, necessitaríamos conhecer detalhes da vida, da personalidade e da época do autor – o que extrapola os limites deste trabalho.

Em suma, ao analisarmos um texto, não podemos esquecer de levar em consideração todas as influências sociais e ideológicas envolvidas. Isto também é válido para os textos espíritas. A ausência destas considerações leva a pressuposições falsas ou, no mínimo, incompletas. E que podem distorcer completamente os conceitos.

4. A mensagem mediúnica: a influência do médium e a possibilidade de mensagens de grupo

Podemos dizer que as mensagens espíritas dividem-se em duas classes principais: aquelas produzidas por pensadores encarnados e aquelas que,

¹¹ DELLANE, G. “A Evolução Anímica” pg. 141.

¹² EMMANUEL, “Dissertações mediúnicas” (psicografia de Francisco C. Xavier), apud JORGE, J. “Antologia do Perispírito”, p.160.

idealizadas por espíritos desencarnados, são obtidas através da mediunidade.

Para as mensagens do primeiro grupo aplicam-se todas as ponderações que foram feitas no capítulo anterior. Podem-se utilizar todas as técnicas de análise que se desejar, bem como os métodos hermenêuticos e os princípios da análise do discurso.

Para as mensagens mediúnicas, além destas ponderações, é necessário ainda levar em consideração a interferência do médium. Este é parte integrante de um dos elementos fundamentais da comunicação, o meio. Mas, enquanto que nas comunicações não mediúnicas o meio é inerte, desprovido de vontade própria, não se pode ignorar que o médium é, antes de tudo, um Espírito, que tem sua individualidade, e, com ela, seus desejos, crenças e pensamentos.

Antes de mais nada, é um erro crer que o Espírito desencarnado pode, de alguma forma, tomar conta do corpo do médium para fazer que a comunicação se dê sem passar pelo crivo do Espírito deste:

O Espírito, que se comunica por um médium, transmite diretamente seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?

"O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita." ¹³

Isto posto, é fundamental que se entenda que o médium interfere, em maior ou menor grau, nas comunicações mediúnicas. Quanto mais inconsciente for o processo de comunicação mediúnica em questão, tanto menor é a interferência do médium. Mas nem mesmo nos médiuns muito inconscientes, aqueles que Kardec chamou de mecânicos, há total isenção.

É importante lembrar que não nos referimos aqui a intervenções propositais, que constituiriam verdadeira fraude. As interferências de que tratamos são causadas por dificuldades inerentes ao processo mediúnico, seja na ligação entre o Espírito comunicante e o médium, seja na transmissão do pensamento.

Para que possa ser feita uma correta avaliação da mensagem mediúnica, tal interferência deve sempre ser levada em consideração – ainda que não tenhamos determinado um método para mensurá-la. Contudo, também não se podem debitar à conta dessa interferência todas as discordâncias que tenhamos com a mensagem – isto tornaria a análise da mesma forma falha. São dois extremos de um mesmo problema.

Existe ainda uma particularidade da mensagem mediúnica. É aquilo que chamamos de possibilidade de mensagens de grupo. Este conceito remete à possibilidade de um grupo de Espíritos, de pensamentos e idéias semelhantes, utilizar-se de um nome (que pode ser o de um deles, ou então

¹³ KARDEC, A. "O Livro dos Médiuns", pg. 268.

até mesmo algum outro qualquer) para passarem sua mensagem. Kardec considerou esta possibilidade no Livro dos Médiuns, e até mesmo utilizou-a como mais um motivo para não se importar muito com a identidade:

A questão da identidade é, pois, como dissemos, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores conseqüências. Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com exceções raras, desconhecidas. Não é a pessoa deles o que nos interessa, mas o ensino que nos proporcionam. Ora, desde que esse ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro, ou Paulo. Deve ele ser julgado pela sua qualidade e não pelas suas insígnias. Se um vinho é mau, não será a etiqueta que o tornará melhor. Outro tanto já não sucede com as comunicações íntimas, porque aí é o indivíduo, a sua pessoa mesma que nos interessa; muito razoável, portanto, é que, nessas circunstâncias, procuremos certificar-nos de que o Espírito que atende ao nosso chamado é realmente aquele que desejamos.¹⁴

Conclui-se que as comunicações mediúnicas podem ser analisadas da mesma forma que as demais. Entretanto, têm particularidades que precisam ser levadas em consideração para qualquer análise que se queira fazer.

5. Conclusão: e a atualização do Espiritismo?

Para que possamos realizar o processo de atualização do Espiritismo, conforme proposto pela CEPA, há uma necessidade fundamental de adquirirmos metodologias apropriadas para tanto. Dois trabalhos, ambos de autoria de Ademar Arthur Chioro dos Reis, são fundamentais para isso: Agenda Espírita e Como: uma proposta metodológica para atualizar o Espiritismo.

Dentro do espírito destes trabalhos, que é o de concretamente avaliar o que pode e deve ser atualizado e como isso pode ser feito, as considerações que foram levantadas neste texto vão ao encontro de contribuir para uma área específica – a da análise textual. Insere-se não só no problema da atualização da linguagem, mas também como método de base, se assim podemos chamar, para todas as propostas de atualização que necessitem partir dos escritos fundamentais do Espiritismo.

O emprego de métodos como a hermenêutica e a análise de discurso são fundamentais. Uma dificuldade que se apresenta, contudo, é a dificuldade em conseguir pesquisadores que os dominem. São métodos novos, de significativa dificuldade, e que muito pouco já foram empregados no movimento espírita. Torna-se assim urgente que os espíritas adquiram este conhecimento.

Outra dificuldade patente é a adequação destes métodos à proposta espírita. O Espiritismo possui detalhes próprios que o tornam, de certa forma, único entre as escolas de pensamento. Portanto, torna-se necessário que, após a aquisição do conhecimento sobre o método, seja efetuada uma

¹⁴ KARDEC, A. *opus citatus*, pg. 327.

ampla discussão sobre como ele poderia ser adequado para as necessidades desta atualização.

Muito trabalho será necessário. O processo de atualização é urgente, e é tanto mais complexo na medida em que muito falta para fazer. Mas, se não for dado o primeiro passo, ele nunca se realizará.